



HEMYLLE SILVA NUNES DOS SANTOS<sup>1</sup>

# MIDIARTIVISMO A FAVOR DA DESNATURALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA CONTRA PESSOAS NEGRAS PELA MÍDIA

<sup>1</sup> Graduanda em Relações Públicas na Universidade do Estado da Bahia

## RESUMO

A mídia desempenha um papel importante na construção de representações sociais e na disseminação de ideias. Assim, é possível entender que a sub-representação de histórias positivas e diversificadas na mídia, envolvendo personagens negros, contribui para a naturalização da violência contra pessoas negras e para a constante estigmatização dessas pessoas na vida fora das telas, no cotidiano. Assim, a presente pesquisa tem como objetivo analisar o modo como o midiativismo atua na desnaturalização dessa violência a partir das produções *Café com Canela* (2017) e *Até o Fim* (2020), realizações da produtora independente Rosza Filmes. Utilizando-se de pesquisa bibliográfica, documental e análise de conteúdo, o trabalho explora as relações entre raça e mídia, violência simbólica e o uso da arte como ferramenta de ativismo social, evidenciando o potencial transformador dessas iniciativas no contexto midiático brasileiro contemporâneo.

**PALAVRAS-CHAVE: MIDIATIVISMO, MÍDIA, RACISMO, ATIVISMO SOCIAL, AUDIOVISUAL.**

## INTRODUÇÃO

Partindo do pressuposto de que a mídia desempenha um papel crucial na construção de representações sociais e na disseminação de ideologias, este estudo reconhece que a sub-representação de histórias positivas e diversificadas, especialmente envolvendo personagens negros, contribui para a naturalização da violência contra pessoas negras e para a estigmatização contínua desses indivíduos no cotidiano, para além das telas. Nesse contexto, a pesquisa analisa as motivações por trás da naturalização da violência direcionada e atribuída a essa população, através de produções culturais que retratam a negritude com representações estereotipadas e preconceituosas.

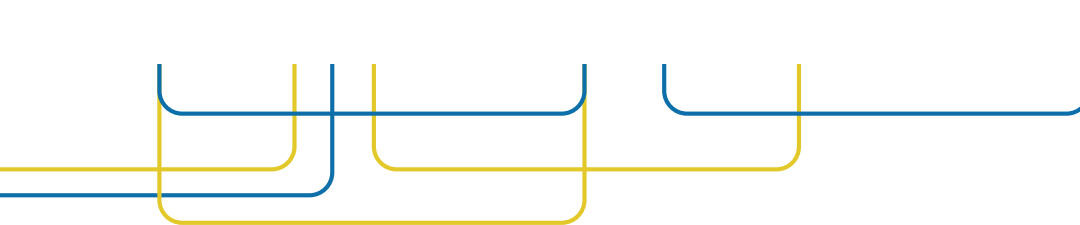
O objetivo deste trabalho é investigar como o midiativismo se estabelece como uma ferramenta eficaz na desnaturalização da violência contra pessoas negras na mídia brasileira. Por meio da análise das produções “Café com Canela” (2017) e “Até o Fim” (2020) da Rosza Filmes, busca-se compreender como essas obras contribuem para a construção de novas narrativas que promovem a representatividade e a valorização da cultura negra. Além disso, pretende-se evidenciar o papel significativo dessas produções na geração de discussões sobre o tema e na sugestão de pautas para combater representações violentas, racistas e excludentes.

## MÍDIA, REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E DISSEMINAÇÃO DE IDEIAS

A mídia transcende seu papel tradicional de entretenimento, informação e comunicação, atuando não apenas como um simples veículo de transmissão de mensagens, mas como um agente formador crítico e cultural na compreensão do mundo. Ela não é apenas um reflexo da cultura e da sociedade, mas também um dos principais mecanismos pelos quais as representações sociais são moldadas e propagadas, influenciando diretamente como as pessoas percebem o mundo ao seu redor (KELLNER, 2001).

A cultura veiculada pela mídia fornece o material que cria as identidades pelas quais os indivíduos se inserem nas sociedades tecnocapitalistas contemporâneas, produzindo uma nova forma de cultural global. (...) Numa cultura contemporânea dominada pela mídia, os meios dominantes de informação e entretenimento são uma fonte profunda e muitas vezes não percebidas de pedagogia cultural: contribuem para nos ensinar como nos comportar e o que pensar e sentir, em que acreditar, o que temer e desejar – e o que não (KELLNER, 2001, p. 9-10).

Sob essa perspectiva, a mídia não apenas transmite e debate ideologias, mas também emprega estereótipos e narrativas simplificadas para retratar grupos sociais, contribuindo para a criação de percepções distorcidas



e preconceituosas. Posto isso, pode-se afirmar que a mídia desempenha papel significativo na construção de representações sociais e no modo como essas representações podem influenciar a percepção pública de grupos étnicos, culturas, gêneros e outros aspectos da sociedade. Ela atua como um meio para a propagação de ideias, influenciando a opinião pública e moldando consensos ou conflitos sociais, além de privilegiar algumas narrativas enquanto marginaliza outras.

Segundo a análise de Freitas (2019), essa perspectiva ganha ainda mais relevância em um país que abriga a segunda maior emissora de televisão do mundo, com uma audiência que alcança quase toda a população e ultrapassa as fronteiras nacionais. Assim, é indubitável que a mídia é um importante ator na formação da opinião pública no Brasil, que para além de moldar as representações sociais, facilita a disseminação de ideias que, por sua vez, afetam nossas percepções e compreensões do mundo que nos cerca. Nesse contexto, é necessário questionar a visão de muitas teorias da comunicação que tratam os espectadores como meros receptores passivos dos meios de comunicação, a fim de ampliar o debate sobre persuasão, manipulação, dominação e estratégias de resistência contra a influência da grande mídia.

#### METODOLOGIA

A abordagem metodológica adotada neste estudo inclui uma reflexão teórico-conceitual baseada em pesquisa bibliográfica, documental e análise de conteúdo, sustentada pela extração e análise criteriosa de trechos selecionados dos filmes, identificados previamente através de uma análise exploratória inicial. O referencial teórico privilegia os estudos sobre as relações entre raça e mídia, violência simbólica e uso das artes no contexto ativista que emerge nas produções em mídia. Para análise dos efeitos do midiativismo, enquanto ferramenta de combate à essas representações negativas, tomou-se como mote a produtora independente Rosza Filmes e duas de suas produções, *Café com Canela* (2017) e *Até o Fim* (2020), visto que a produtora apresenta filmes repletos de representatividade racial, feminina e LGBTQIAPN+, que contam apenas com atores pretos na sua linha de frente. São filmes que abordam a humanização, a sensibilidade e a subjetividade dos personagens negros que habitualmente não são retratados dessa forma pela mídia hegemônica, procurando explorar

o foco nos afetos e na diversidade como no filme “Café com Canela” que, apesar de ser protagonizado por duas mulheres pretas, não faz menção ao racismo como temática principal; ou ainda, no filme “Até o fim” que conta a história do reencontro de quatro irmãs negras que vieram de um contexto de pobreza, mas que, apesar disso, somente prioriza os aspectos sensíveis das suas histórias de vida.

#### ROZZA FILMES E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O CINEMA NEGRO BRASILEIRO

Fundada em 2011 na Bahia, a Rosza Filmes é uma produtora independente criada pelos cineastas Glenda Nicácio e Ary Rosa, ambos graduados em Cinema e Audiovisual pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Sediada no Recôncavo Baiano, região rica em história e cultura afro-brasileira, a produtora tem como um dos pilares fundamentais o compromisso com a representação de diversas perspectivas e a promoção da diversidade no cinema brasileiro.

Os filmes produzidos pela Rosza Filmes frequentemente abordam questões de raça, identidade, classe social, regionalismo e gênero, conferindo voz a grupos marginalizados e sub-representados na sociedade e na indústria audiovisual brasileira. Este compromisso com a diversidade se traduz em narrativas ricas, multifacetadas e carregadas de uma sensibilidade que não é comum nas representações desses grupos. Eles desafiam as representações perpetuadas pela grande mídia acerca da pessoa negra enquanto intérprete eterna de escravos das novelas de época ou em papéis de empregados e bandidos, ao criar possibilidades para que atores negros protagonizem histórias que contenham qualquer tipo de carga emocional e dramática variadas, sem precisar para tanto, apelar a narrativas que estilizem violências, mortes e humilhações contra o corpo negro na tela.

Através de uma estética singular e utilizando recursos limitados de forma criativa, a Rosza Filmes demonstra que é possível realizar filmes de qualidade e com forte impacto social mesmo com orçamentos modestos. Suas produções são financiadas por meio de editais públicos, parcerias institucionais e, em alguns casos, através de recursos próprios. A produtora não só utiliza de recursos criativos e inovadores para superar as limitações de



orçamento, como também já capacitou os locais para trabalhar na produção e contar suas histórias de forma mais autêntica, abrindo novas possibilidades para a produção cinematográfica independente,

Essa abordagem é evidenciada em seu primeiro longa-metragem, *Café com Canela* (2017), onde Glenda Nicácio e Ary Rosa optaram por contratar um elenco e equipe de produção majoritariamente negra. Essa decisão reflete seu ativismo e compromisso com a representação honesta da negritude, buscando uma originalidade na linguagem cinematográfica que se distancia dos padrões tradicionais do cinema brasileiro. Em uma entrevista para o “Canal Curta!”, Nicácio destacou a intenção de trazer subjetividade aos personagens negros, uma dimensão frequentemente negligenciada no audiovisual. Ela explicou que a escolha de São Félix, sede da Rosza Filmes, como cenário contribuiu para uma estética que captura a poesia do cotidiano local. Na mesma entrevista, Rosa enfatizou a importância da representação, afirmando que o filme visa proporcionar às pessoas negras a oportunidade de se verem verdadeiramente representadas na tela. Ele destacou a complexidade das narrativas sobre a realidade negra, que frequentemente é sub-representada no audiovisual brasileiro.

A estratégia de fazer filmes ‘menores’ também é uma resposta à desvalorização do cinema nacional. Com orçamentos reduzidos, como em “*Café com Canela*”, que contou com cerca de 60 pessoas na equipe, e em “*Ilha*” e “*Até o Fim*”, com equipes ainda menores, Rosa e Nicácio adaptaram suas produções às dificuldades financeiras enfrentadas por produtoras independentes. Essa abordagem pode ser vista como uma forma de resistência, conforme discutido por Santos (2020).

A visão de ambos os fundadores é refletida em cada projeto, especialmente na maneira como retratam a dignidade e a pluralidade das personagens. Em uma entrevista para o projeto “camaraescura” Glenda ressalta:

Temos uma preocupação com o discurso, mas acho que somos bem despretensiosos em relação a isso. Temos muito uma vontade de que a personagem cresça, se desenvolva, que não perca a dignidade. Acho que, para todos os personagens com quem trabalhamos, a dignidade é um dos pontos princi-

pais. E ela se dá desde a hora da escrita, quando se coloca uma palavra na boca dessa personagem, até a hora que a compartilhamos com o elenco. Na hora que a caracterizamos ou quando escolhemos como ou em qual situação iremos mostrá-la. E, dentro da dignidade, a liberdade. Porque também existe uma pluralidade ali, formas de ser preto e preta, de ser mãe preta dentro desse universo imenso das representações. (NICÁCIO, 2023)

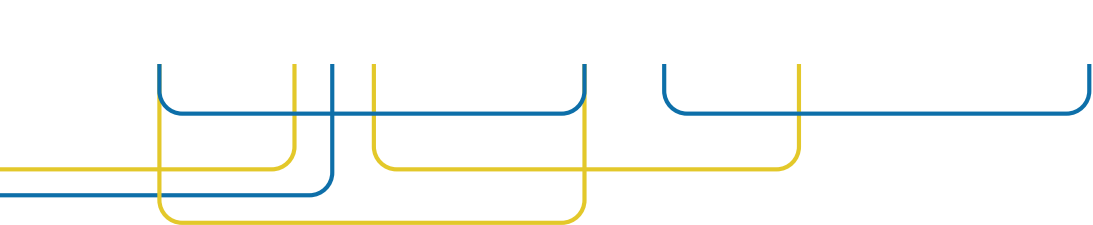
Essa abordagem não apenas destaca o compromisso da produtora com a dignidade e a pluralidade, mas também reflete uma prática que vai além do superficial, promovendo uma representação rica e diversificada no meio audiovisual.

### MIDIARTIVISMO COMO INSTRUMENTO DE IMPACTO E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

A cultura popular é uma forma de resistência à essa cultura dominante. De forma similar, a mídia pode ser usada para promover mudanças sociais positivas para auxiliar no uso dos indivíduos para se expressar e se envolver com questões políticas (KELLNER, 2001). Logo, o midiartivismo (mídia + arte + ativismo), um conceito discutido por Freitas (2019), emerge como uma abordagem poderosa e transformadora na luta contra a naturalização das representações raciais violentas e estigmatizantes presentes nas produções culturais e na mídia brasileira.

Envolve o uso dos meios de comunicação, especialmente as plataformas digitais, na propagação das artes como ferramenta para promover mudanças sociais e desafiar narrativas estabelecidas. Sua principal função é amplificar vozes marginalizadas, possibilitando que grupos racialmente minoritários compartilhem suas próprias perspectivas e experiências ao desafiar estereótipos e promover representações mais justas. Também possui um impacto significativo na difusão do diálogo sobre questões sociais, como racismo, LGBTfobia, misoginia, e na busca de reformas institucionais.

Ainda que essas tramas e produções retratem a dimensão ideológica do racismo como ponto central, muitas mantêm a mesma e velha narrativa estereotipada, cheias de equívocos, discursos enviesados e sem apresentar outras formas de embates narrativos nas escolhas artísticas. A dor e a realidade de



ser negro não pode (e não deve) ser transformada em um entretenimento que estilize violências, mortes e humilhações em rede nacional. Pessoas pretas não querem morrer, seja na vida real ou na dramaturgia (ARAÚJO, 2021).

Essa afirmação de Marcos Vinícius de Araújo reforça a necessidade de investimento em iniciativas e práticas do midiativismo antirracista no Brasil, enquanto um catalisador eficaz do ativismo social, e possibilidade de abrir caminho para a transformação desse cenário. Nesse contexto, o midiativismo instiga discussões críticas acerca das representações raciais presentes na mídia, através de diversas formas de expressão artística, tais como cinema, teatro, música e literatura. Também desafia o status quo e encoraja o público a questionar e refletir sobre narrativas tradicionalmente aceitas. De acordo com Freitas (2019), as iniciativas dessa ferramenta de ativismo social têm evoluído na direção de um propósito educacional, fomentando discussões críticas que desempenham um papel fundamental no processo de conscientização pública, além de simultaneamente, estimularem o reconhecimento dos problemas associados à naturalização da violência racial. Como afirma Joel Zito (2002): “Não queremos papéis de negros, queremos papéis de brasileiros empregados, empresários, dentistas, médicos, advogados”.

#### ANÁLISE DAS PRODUÇÕES “CAFÉ COM CANELA” E “ATÉ O FIM”

O filme *Café com Canela* (2017) narra a história de duas mulheres, Margarida (Valdinéia Soriano) e Violeta (Aline Brunne), que, após anos de afastamento devido a tragédias pessoais, reencontram-se em suas dores. O filme destaca, de maneira singular, a realidade cotidiana da vivência negra, pobre e baiana, sem recorrer ao racismo como tema central. Em vez disso, aborda temas universais como luto, solidão, amizade e resistência, sem estigmatizar as personagens.

A narrativa é construída de forma experimental e não linear, mesclando flashbacks com situações do presente, o que aprofunda e complexifica as personagens. A cinematografia captura a beleza e a simplicidade do cotidiano no Recôncavo Baiano, oferecendo uma visão positiva e humanizada da comunidade negra local. Nos primeiros minutos do filme,

há uma cena típica de uma vivência autêntica desse lugar: um aniversário de criança alguns anos atrás, com elementos como refrigerante distribuído em copos de plástico, balões coloridos grudados na parede e a frase “parabéns Paulinho” escrita em papel EVA. Esses elementos, desde a arrumação até o sotaque na forma de cumprimentar parentes e amigos, refletem a estética do cotidiano local que permeia todo o filme. A narrativa centra-se em duas mulheres comuns que, ao se reencontrarem, iniciam um processo de transformação, marcado por visitas, faxinas e cafés com canela, capazes de despertar novos amigos e antigos amores.

Cada protagonista é retratada com camadas de complexidade e individualidade. Margarida, uma mulher negra e professora, encontra-se em depressão devido ao luto pela perda de seu filho Paulinho. A causa de sua morte nunca é revelada, uma escolha da produtora que parece evitar a tematização direta do racismo, visto que, segundo o imaginário coletivo, seria natural supor que Paulinho foi vítima de uma das tragédias frequentemente associadas a pessoas negras, como morte por bala perdida ou por abordagem policial. Violeta, sua ex-aluna, é uma jovem casada com um homem apaixonado, que vende coxinhas de galinha de porta em porta para ganhar algum dinheiro e cuidar de sua avó doente. Apesar de suas próprias dificuldades, Violeta assume a missão de devolver um pouco de luz àquela que foi importante para ela na juventude.

O filme explora o contraste entre as duas personagens para evidenciar as múltiplas vivências da negritude. Margarida, com suas dores, afunda-se em depressão, vivendo em uma casa suja, fumando e tendo alucinações. Por outro lado, Violeta, jovem, negra e empobrecida, é retratada sob uma perspectiva de afeto: ela ama as flores, os animais e tem sua família como base. A narrativa também aborda conceitos como interseccionalidade – termo cunhado por Kimberlé Crenshaw, que se refere à interação entre diferentes fatores identitários de um indivíduo – representado no personagem Dr. Ivan (Babu Santana), um homem negro, gay e médico, características raramente retratadas juntas na grande mídia. A principal premissa do filme é o afeto, o cuidado e a união entre os habitantes de São Félix, evidenciado em momentos como quando Dr. Ivan, ao perder seu marido, é acolhido pela comunidade. No fim, todos os personagens se encontram no acolhimento de suas dores.

Café com Canela (2017) caracteriza-se como uma obra midiartista não apenas pelo que apresenta em tela, mas também pelos bastidores e pela maneira como foi produzido. A produção contou com uma equipe técnica e um elenco majoritariamente composto por pessoas negras, reafirmando o compromisso da Rosza Filmes com a representatividade. Com recursos financeiros limitados, a equipe utilizou locações reais e apostou na autenticidade das performances para construir uma narrativa intimista e envolvente. Isso reverbera no filme em signos como a trilha sonora, com canções de Mateus Aleluia que afirmam a ancestralidade africana; na religiosidade de Violeta e sua avó Roquelina, que são descritas como filhas de Oxum; ou na cena do dendê escorrendo pelas paredes da casa de Margarida, remetendo ao sangue e à morte de seu filho. Tais elementos fortalecem a narrativa com camadas de complexidade sobre as subjetividades de uma realidade negra que é constantemente sub-representada no audiovisual brasileiro.

A outra produção analisada, Até o Fim (2020), também oferece um olhar sensível sobre a realidade negra, frequentemente estereotipada e marginalizada na mídia, ao propor uma representação autêntica e humanizada. O filme apresenta uma narrativa intimista que explora a complexidade das relações familiares e a busca pela reconciliação, enquanto aborda de maneira sutil as múltiplas camadas do luto. Situado à beira de uma praia no Recôncavo Baiano, o filme conta a história de quatro mulheres da mesma família — Geralda (Wal Diaz), Bel (Maíra Azevedo), Rose (Arlete Dias) e Vilmar (Jenny Muler) — que, após quinze anos sem contato, se reencontram para aguardar a iminente morte de seu pai. As personagens são negras e protagonistas, mas a história não depende da questão racial como seu eixo central.

A narrativa é construída de maneira realista, onde cada personagem é retratada com camadas de complexidade que transcendem a cor de sua pele. Essas mulheres, embora oriundas do mesmo contexto de pobreza e marcadas por um pai problemático, violento e preconceituoso, possuem vivências socioeconômicas e pessoais completamente diferentes. O filme lida com temáticas densas, como afeto, mágoas, problemas mal resolvidos e resoluções, e ainda aborda a transexualidade de uma das personagens, o que adiciona uma camada adicional de relevância e representatividade à trama. Toda a narrativa se desenrola através

de uma única conversa entre as quatro mulheres, revelando conflitos familiares e questões dramáticas de forma impactante. A montagem dinâmica, que recusa uma ordem linear e temporal, permite que todas as camadas da história sejam exploradas em sua multiplicidade e complexidade.

As escolhas artísticas do filme, que rompem com paradigmas estilísticos através da montagem, dos ângulos de câmera, da fotografia e da direção, traduzem signos nos quais mulheres negras ocupam cada cena, quadro a quadro. O filme reafirma a ideia de “ser quem você é em um mundo que lhe diz o tempo todo que você não é”, conforme expressa pela personagem Bel (Maíra Azevedo). As protagonistas saíram de uma realidade precária e conquistaram seu espaço, empoderamento e identidade: Bel ganhou um Oscar, Geralda (Wal Diaz) abriu seu restaurante, Rose (Arlete Dias) fugiu de uma realidade opressora para se reinventar em outra cidade, e Vilmar (Jenny Muler) vive como uma mulher trans bem-sucedida. Cada atriz incorpora a complexidade de suas personagens, tornando-as seres humanos tridimensionais com suas próprias lutas, traumas e sonhos.

A obra oferece uma representação impactante da vivência negra e pobre, indo além dos estereótipos comumente reforçados pela mídia. Dessa forma, Até o Fim (2020) reflete a missão da produtora Rosza Filmes, afirmando seu lugar enquanto uma iniciativa midiartista comprometida com a representatividade e a autenticidade das narrativas negras.

Café com Canela (2017) venceu três prêmios no Festival de Brasília nas categorias melhor roteiro, melhor filme pelo júri popular e melhor atriz para Valdinéia Soriano do Olodum, além de abrir a edição nº 21 da Mostra de Tiradentes, ao passo que Até o fim (2020) levou o prêmio de melhor filme pelo júri popular na 23ª Mostra de Tiradentes. Ainda assim, esses filmes causaram certo incômodo à opinião especializada, na qual uma parte dos críticos apontam inconsistências na direção, montagem e roteiro, porém há uma discrepância entre essa parcela da crítica especializada em relação a opinião pública (SANTOS, 2020), que finalmente se vê bem representada no audiovisual e aplaude de pé o longa de 2020 no festival. “É o ativismo que se conecta com seus públicos. São as ações educativas que, a favor da transformação, reestruturam relações de poder e reorganizam as esferas de privilégio e prestígio” (FREITAS, 2019).



## A VIOLÊNCIA SIMBÓLICA NAS RELAÇÕES ENTRE RAÇA E MÍDIA

Quando Joel Zito Araújo analisa o modo como negros são representados nas telenovelas brasileiras (2002), sob a ótica da mídia como instrumento que influencia na internalização de ideologias, é indubitável o modo como o racismo estrutural se manifesta por meio dessas produções midiáticas. Nesse contexto, a mídia é um dos meios que propaga a naturalização do racismo, tornando-o parte do cotidiano, especialmente quando esses personagens são relegados a papéis secundários, acentuando sua invisibilidade na narrativa. O autor ainda destaca as recorrentes representações de pessoas negras, quando retratadas como bandidos, empregadas, escravos, jagunços, “*mammy*” ou mães pretas, faveladas, empobrecidas, ou ainda, sendo hiper sexualizadas; são retratações extremamente estereotipadas e carregadas de preconceitos e estigmas sobre a identidade e o comportamento de pessoas negras.

Joel Zito (2002) apresenta cerca de quarenta anos da telenovela brasileira, que falha ao representar de forma real, sensível e satisfatória as experiências de vida do povo negro desse país. Esses estereótipos são construídos como parte de um sistema simbólico de dominação, limitando as identidades de grupos raciais historicamente marginalizados a características unidimensionais e muitas vezes negativas. Segundo a perspectiva de Pierre Bourdieu, a violência simbólica funciona como um instrumento pelo qual as estruturas de poder em uma sociedade perpetuam suas crenças, valores e normas como senso comum. Isso sustenta a lógica de dominação cultural na sociedade brasileira, como evidenciado por Joel Zito, criando barreiras invisíveis que dificultam o acesso a oportunidades e recursos para grupos historicamente marginalizados, e contribuem na manutenção das desigualdades e preconceitos raciais.

Além disso, como aponta Silvia Ramos (2002), os programas jornalísticos frequentemente repercutem a violência contra corpos negros de forma tendenciosa em comparação com tragédias envolvendo pessoas brancas. Essa disparidade na cobertura da mídia se manifesta na sensibilidade, na humanização das vítimas e na linguagem utilizada. Enquanto vítimas brancas costumam ser apresentadas de maneira mais

detalhada e positiva, além de reverberar amplamente pela mídia, vítimas negras muitas vezes recebem um tratamento estigmatizante, com foco em estereótipos negativos e antecedentes criminais, ou ainda, têm pouca atenção à ocorrência de tragédias. Exemplos disso incluem a ampla cobertura e repercussão do caso Richthofen, em contraste com o tratamento do caso do carro da família Santos Rosa, que foi alvejado com 80 tiros pelo exército. Esse contraste revela o viés racial da mídia, que trata casos envolvendo vítimas negras como parte da ‘normalidade’ brasileira, evidenciando a necessidade de uma representação mais sensível à violência racial no Brasil.

## CONCLUSÃO

Como resultado dessas análises, compreende-se que a expressividade de produções em mídia, que perpetuam formas de violência vivenciadas pela população negra, provocam um fenômeno de naturalização da violência, construindo estereótipos e ideologias que agem contra e entre pessoas negras. Nesse sentido, o trabalho em questão revela a possibilidade de combater esse tipo de representação, com a emergência das iniciativas que fazem uso de recursos de comunicação, e expressões em arte, tal como o cinema independente, para promover suas causas, nesse caso, o combate ao racismo e às representações pejorativas e negativas sobre pessoas negras no Brasil. Evidencia-se assim, que o midiativismo tem o potencial de desempenhar um papel crucial na transformação social, desafiando estereótipos raciais e promovendo uma mídia mais justa e inclusiva. No entanto, para que essa transformação seja eficaz e sustentável, se faz necessário um engajamento ativo e uma compreensão crítica das mensagens midiáticas, bem como um compromisso contínuo com a promoção da igualdade e da justiça racial.

## REFERÊNCIAS:

ARAUJO, Joel Zito. A negação do Brasil. São Paulo: SENAC. 2004.

ARAUJO, Marcos V. A violência contra corpos negros é naturalizada na mídia. Disponível em: <<http://observatorioseguranca.com.br/a-violencia-contracorpos-negros-e-naturalizada-na-midia/>>. Acesso em: 10 set. 2023.

KELLNER, Douglas. A Cultura da Mídia. Bauru: EDUSC. 2001.

RAMOS, Silvia (org.). Mídia e Racismo. Rio de Janeiro, Pallas, 2002.

FREITAS, Ricardo O. Educomunicação como recurso de midiativismo. Santarém: Revista Exitus, Vol. 9, N° 4, p. 232 - 261, 2019.

FREITAS, Ricardo O. (org.). Mídias alter{n}ativas: estratégias e desafios para a comunicação hegemônica. Ilhéus: Editus, 2009.

CAFÉ com Canela. Ary Rosa, Glenda Nicácio. Bahia: Rosza Filmes, 2017.

ATÉ o fim. Ary Rosa, Glenda Nicácio. Bahia: Rosza Filmes, 2020.

SANTOS, Matheus A. O que o cinema quer da gente é coragem: negritude e dissidência sexual & de gênero nas produções da Rosza Filmes. In: Rebeca - Revista Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual, ano 9, n. 2, vol. 18. 2020

CANAL CURTA!. Ary Rosa e Glenda Nicácio falam de “Café com Canela”. Youtube, 2 de outubro de 2017. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=VoOKRIUuYk0&list=PLmmjSMmBGIVXnGntOALngVMaVW9QSjsJJ&index=1&ab\\_channel=CanalCurta%21](https://www.youtube.com/watch?v=VoOKRIUuYk0&list=PLmmjSMmBGIVXnGntOALngVMaVW9QSjsJJ&index=1&ab_channel=CanalCurta%21)>. Acesso em: 04 de maio de 2023.

ROCHA, Lorenna. “Nós gostamos de fazer filmes e gostamos de fazê-los juntos”: uma conversa com Glenda Nicácio e Ary Rosa. Disponível em: <<https://camarescura.com/2023/06/23/nos-gostamos-de-fazer-filmes-e-gostamos-de-faze-los-juntos-uma-conversa-com-glenda-nicacio-e-ary-rosa-dossie-2-inventar-coletividades-disputar-o-cinema-26a-mostra-de-cinema-de-tira/>>. Acesso em: 14 de julho de 2023.